

A OFERTA INFORMACIONAL DAS HEMEROTECAS

Alice Ferry de Moraes¹

RESUMO

Este trabalho é parte de uma dissertação de Mestrado em Ciência da Informação já defendida. Ele tem como tema principal o uso, cada vez maior, das informações publicadas em jornais como insumo de pesquisas acadêmicas. A informação jornalística preenche lacunas dos sistemas informacionais sobre diversos temas. Há casos em que ela é a única fonte informacional. Serve também para a preservação da memória nacional, local, institucional e, por vezes, pessoal.

Estas informações devem ser valorizadas, difundidas e preservadas porque são instrumentos de democratização do conhecimento, dentre outras formas, através da divulgação científica, utilizando uma linguagem simples, sendo de fácil acesso e de baixo custo e privilegiando o fortalecimento da cidadania através da inserção de seus usuários no seu contexto social.

Sendo assim, a existência de hemerotecas e arquivos de recortes de jornais ganham destaque exigindo para seu gerenciamento, profissionais preparados e atentos aos acontecimentos da sociedade.

PALAVRAS-CHAVES

Hemeroteca – Jornal – Informação - Biblioteca

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema o uso do jornal como fonte para a produção do conhecimento na Universidade e como documento para outros setores da sociedade. Serão analisadas as possibilidades, restrições e especificidades do jornal como fonte de informação. Será visto como a informação jornalística alarga ou completa outras fontes informacionais sobre a realidade social. O jornal é um veículo abrangente porque amplia o âmbito espacial e temporal, e porque agrega informações sobre um grande leque de temas que pode servir à produção do conhecimento. Será demonstrado como o jornal supre necessidades informacionais da pesquisa acadêmica. O jornal, pertencendo a uma realidade social e a

¹ Jornalista, bibliotecária da FIOCRUZ, Mestre e Doutoranda em Ciência da Informação pela ECO/UFRJ-IBICT/MCT – fmoraes@marlin.com.br

retratando, é um dos componentes históricos do processo cultural de uma sociedade. Dessa maneira o jornal pode servir de instrumento para pesquisas em diversas áreas.

A curiosidade sobre o uso do jornal em pesquisas para a elaboração de dissertações e teses universitárias nasceu de observações feitas principalmente a partir da coluna Campus sobre Universidades, publicada durante algum tempo no *Jornal do Brasil*, que divulgava dissertações e teses baseadas em notícias de jornais. A pesquisa *A informação e o cotidiano urbano*², coordenada pelo Prof. Aldo de Albuquerque Barreto e a Prof^a Katia de Carvalho e Silva mostrava o jornal diário, segundo a opinião dos diversos tipos de comunidades cariocas, como o "canal formal [de comunicação da informação] mais preferido" e era associado diretamente ao conceito de informação. Sendo assim, é fácil observar que o jornal é um elemento informacional usado por diferentes grupos e de diferentes maneiras e portanto é objeto de estudo para a Ciência da Informação.

Esta pesquisa é orientada por duas ordens de questões. Uma primeira série de questões está relacionada a natureza e qualidade da informação jornalística utilizada como insumo de conhecimento. Qual é seu valor na produção de um conhecimento sobre a sociedade? Qual é seu assunto e seu destinatário? Esse valor estaria atrelado a seu valor de uso como fonte de informação para a vida cotidiana e para a tomada de decisão? Outra série de questões está relacionada à atualidade das informações jornalísticas. Será que elas asseguram o valor freqüentemente atribuído ao novo? A multiplicidade de informações, fragmentos da realidade, apresentada em um só veículo é a causa de seu favorecimento como fonte informacional, na medida em que esses fragmentos se interrelacionam no espaço temporal do aqui e agora? A falta de ética, algumas vezes presente na produção de determinadas matérias por parte das empresas jornalísticas, pode alterar o valor do jornal como fonte de pesquisa?

Nas páginas dos jornais estão fatos do dia-a-dia. Há casos em que ele é a única fonte de informação sobre o cotidiano. É quando a informação oficial é escamoteada, negada, não acessível ou até mesmo quando ela não existe. Alguns relatos, sobre acontecimentos bizarros e ilegais que não mereceram registro oficial, têm sua perpetuação nas páginas do jornal.

²BARRETO, Aldo de Albuquerque, SILVA, Katia de Carvalho e. *A informação e o cotidiano urbano*. A informação e a comunicação em comunidades urbanas diferenciadas na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IBICT-CNPq/ECO-UFRJ, 1991.

Uma outra ordem de questões é acerca do acesso a esse tipo de informação pelos usuários. Ele recorre a um centro de documentação ou organiza seu próprio arquivo de recortes? No caso de ter recorrido a um centro de documentação a indagação seria sobre sua localização. A hemeroteca onde os jornais são arquivados estaria atrelada a uma Universidade ou instituição de ensino e pesquisa? Além disso, teria o usuário recorrido ao centro de documentação de uma empresa jornalística? Em que lugar pode um pesquisador encontrar a notícia recente não mais presente nas bancas de jornais? Uma das respostas presumíveis é a Biblioteca Nacional. Optando pela pesquisa nessa instituição, seriam encontrados lá todos os jornais brasileiros?

A questão do acesso à informação jornalística, ao ser esclarecida, remete ao modo como a Ciência da Informação leva em conta as fontes de informação escritas que não são as tradicionais, ou seja, livros, periódicos e teses. Estará a teoria informacional analisando e incorporando as novas formas de informar, ampliando o domínio de construção de seu objeto? Serão elas valorizadas e estudadas de maneira a, na prática, suprir as necessidades informacionais do pesquisador que procura as bibliotecas e centros de documentação nos tempos atuais? Será o jornal considerado uma fonte de informação a ser utilizada nas bibliotecas, especificamente as universitárias?

O conhecimento, para ter existência social, deve estar ligado às condições práticas de vida dos indivíduos. Estes, por sua vez, se constituem, produzindo em sociedade como elementos sociais e assim a sociedade garante sua existência. O processo de conhecimento só pode ser entendido dentro de um contexto histórico. A sociedade de hoje já adotou o jornal como uma fonte de informação, independente de considerá-la boa ou má, entre muitas outras. Por que então o jornal, sendo um retrato da sociedade aceito por ela mesma, nem sempre está presente nos acervos das bibliotecas? Caso o local considerado adequado para os jornais e seus recortes seja um centro de documentação, onde existem outros tipos de documentos além deles, por que esse centro não é oficializado dentro do sistema de bibliotecas universitárias? Por que são considerados centros de pesquisa e não centros de informação e pesquisa? Essa atitude acarreta uma perda substancial de dados atuais e relevantes e essa é a realidade encontrada hoje na maioria das universidades brasileiras.

O uso do jornal como fonte de pesquisa acadêmica alarga os parâmetros espaciais e temporais do campo de observação em relação às demais fontes e amplia o acesso aos domínios culturais e à realidade social, além de agendar os problemas de uma sociedade que podem ser resolvidos pela Universidade e outras instituições. Algumas características próprias do jornal como o relato de conflitos e o tornar público o que é privado constituem um algo mais informacional que atrai os pesquisadores.

Para responder a essa série de indagações foram feitos estudos sobre o jornal - personagem central dessa história, construindo um arcabouço teórico, onde foram apresentados diversos papéis exercidos pelo jornal e sua própria estrutura.

1. ARCABOUÇO TEÓRICO

Para melhor entender o uso do jornal como fonte informacional para a pesquisa acadêmica, foi considerado importante pesquisar suas características, seus diferentes aspectos. Iniciou-se, então, a procura de teorias para a formação de um quadro conceitual. Assim o jornal será considerado como discurso, como retrato da sociedade, como narrador histórico, como formador de opinião e de poder. Junto a essas considerações será observado o jornal como fonte de informação para a produção do conhecimento e seu possível papel como mediador entre a universidade e a sociedade.

1.1 - O jornal como discurso

Desde tempos imemoriais que os homens se interessam pelos acontecimentos que os cercam não apenas pela curiosidade mas pela necessidade de conhecimento para sua sobrevivência, segurança e progresso. Um homem relatando a seu grupo suas experiências sempre foi uma cena que despertou atenção e fascínio. A soma das experiências de um grupo, aliada à sua tradição, é a base do imaginário. Portanto, o imaginário é constituído socialmente e se formaliza, particularmente, através da enunciação do discurso. Cada sociedade define e elabora uma imagem do mundo, do meio no qual está inserida, tentando construir um conjunto significante (realidade percebida). O esforço coletivo de discurso, que foi ocupado pelo "mito" ou por uma "opinião pública" idealizada, é hoje ocupado pelo discurso da mídia.

Este trabalho, portanto, abordará apenas o significado constituído em expressões simbólicas ou enunciativas da informação jornalística dentro de uma cultura.

Nos dias de hoje, o processo de globalização econômica e cultural encontra nas novas tecnologias de comunicação suas vias de realização. O acesso aos acontecimentos se ampliou. O interesse, hoje, não está apenas no desenrolar de fatos que cercam uma comunidade e sim em todo o planeta e até mesmo em todo o Universo. Vários são os veículos responsáveis pela transmissão de informação sobre os mais diversos assuntos. Neste trabalho, destaca-se o jornal que, sob a forma tal como se apresenta até hoje e utilizando a linguagem escrita, existe há quase quatro séculos.

O jornal, ao relatar acontecimentos diários, faz uso de vocabulário e noções já utilizadas para descrever e explicar a experiência comum e lhe dar sentido. A linguagem representa um real que já está ausente. O relato jornalístico construirá um real mediatizado. em si, e este se transforma em um acontecimento através do seu relato nas páginas do jornal.

Como todo discurso, o jornalístico é o resultado de uma soma de outros discursos que se dá tanto na sua produção quanto na recepção. Cada jornal constrói os fatos à sua maneira.

O acontecimento e sua enunciação discursiva se confundem no jornal. O leitor é colocado na cena do acontecimento ou lhe é apontada uma noção de realidade criada pelo sistema de comunicação. A comunicação, por sua vez, para se estabelecer uma espécie de contrato de leitura entre a emissão (jornal) e a recepção (leitor) desse discurso.

A construção da imagem do jornal se dá no reconhecimento social do leitor, que é identificado por sua "posição" de leitura, ou seja, pela sua competência específica de poder ler a atualidade através de representações. O jornal solicita uma repetição que favorece uma certa constância de leitura. Uma vez que alguém elege seu jornal, permanecer fiel a ele é permanecer fiel a si mesmo.

Conclui-se que jornal e leitor estão ligados pela dependência mútua, não havendo domínio de um pelo outro. Há, sim, um jogo de sedução que mescla sedutor e seduzido em

um só ato. Mas há quem considere o leitor um indefeso, dentro do campo da recepção, diante dos "ataques" dos jornais, tidos como elementos dominadores.

1.2 - O jornal como retrato de uma sociedade

A informação como agente de transformação é a responsável pela evolução do homem e pelo desenvolvimento da sociedade. A informação, seja ela subjetiva ou objetiva, exerce mudança no estado do conhecimento humano, conseqüentemente na sociedade e na cultura.

A informação para ter existência social precisa ser comunicada, e diversas são as formas de comunicação. O jornal faz parte da comunicação de massa que, como o seu próprio nome indica, tem grande alcance. A comunicação de massa tem tido grandes avanços graças à implementação de novas tecnologias. Os diversos tipos de veículos de comunicação de massa (jornal, rádio, televisão) são encontrados tanto nas grandes cidades, quanto nas pequenas aldeias. Eles são disseminadores de diferentes informações mas, particularmente, das informações da atualidade e atuam como agentes de transformação.

No caso específico do jornal, as informações têm como características: a atualidade, por serem relatos de fatos presentes; a periodicidade, por terem publicação diária; a universalidade, por apresentarem uma grande abrangência de conteúdo; a difusão coletiva, por serem acessíveis a qualquer cidadão, desde que saiba ler.

Manter-se informado, popularmente, significa recorrer a um veículo de comunicação de massa, como o jornal, que é valorizado pelo fato de ser impresso, podendo, por isso, ser guardado para posterior uso e que contém informações atualizadas e de interesse já consagrado por seus leitores. Essas informações se encontram disponíveis em bancas espalhadas por toda as cidades e a baixo custo. Pelo próprio tipo de informação que veicula, ou seja, factual e diária, o jornal acaba sendo, na maioria das vezes, o único meio de informação textual para algumas pessoas e o único meio de informação sobre alguns acontecimentos.

O jornal, ao relatar os acontecimentos, utiliza símbolos para estabelecer o elo comunicacional. Entre esses símbolos está a própria linguagem escrita. Tudo que se apresenta no mundo está ligado ao simbólico, inclusive as instituições, segundo Castoriadis³. O jornal, desta forma, é o espelho da sociedade na qual ele está inserido.

O jornal, além de informar, emociona, diverte, agrupa socialmente e utiliza em suas narrativas elementos de pólos dialéticos caracterizados pelas relações bom x mau, fraco x forte. Fica evidente que a idéia de conflito é base de interesse tanto para a produção quanto para a recepção de seu discurso.

Etimologicamente, comunicar significa tornar comum, estabelecer comunhão, participar da comunidade. A comunicação, portanto, é um elemento de interação social. O tamanho do grupo social ou comunidade estabelece a complexidade e a quantidade de comunicação de informações. As informações são utilizadas pelos indivíduos para organizar sua vida pessoal, para formar opinião, para evitar situações inusitadas, para aumentar seu conhecimento e sua sociabilidade.

A informação jornalística proporciona, também, uma consciência social maior que viabiliza a formação da idéia de identidade nacional através de extensão das interlocuções mas principalmente dos temas e notícias pertinentes a um grupo social relatados por uma mesma língua.

Dentre os diversos discursos sociais, o jornalístico apesar de produzido por empresas privadas e, portanto, passível de vínculos sociais que proporcionam certo grau de manipulação da informação, ainda é um discurso que se abre para vozes sem ressonância em outros espaços. O discurso jornalístico dá acesso comunicacional às informações sobre diferentes integrantes da sociedade civil transformando-se em porta-voz deles. Por outro lado, ao divulgar determinadas informações, o jornal é porta-voz do Estado que passa a depender do discurso jornalístico como apoio aos grandes empreendimentos governamentais. Ao agrupar, em si, diversas vozes da sociedade civil, o jornal forma uma voz diversa das que

³CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

traz dentro de si e que também é integrante dessa sociedade civil, aqui tomada sob o conceito de Gramsci.

Atuando sob o direito de comunicação e o direito de educação, o jornal tem prestado bons serviços não apenas à comunidade científica, com a divulgação de pesquisas e descobertas, mas também à sociedade, ao esclarecer dúvidas quanto ao surgimento e prevenção de doenças como, por exemplo, a AIDS. Temas antes restritos a especialistas passam a integrar as conversas de pessoas leigas no dia-a-dia, com informações científicas traduzidas para o senso comum.

A comunicação não se reduz à transmissão de mensagens. Ela diferencia, representa, interpreta representações de outros indivíduos ou grupos. A comunicação direta ou indireta de experiências provoca transformações em quem as recebe. Ela atua na formação dos indivíduos e na de uma sociedade. Assim sendo, o jornal pode se estabelecer sob a forma de educação sistemática, nas escolas e nas Universidades, e sob a forma de educação incidental, na vida cotidiana.

Dessa maneira, o jornal faz com que o leitor participe de acontecimentos sem estar no local onde eles ocorrem, interprete fenômenos sociais e naturais que não presencia, considere interpretações para fatos produzidas por outros indivíduos. O leitor, enfim, é ativo e passivo simultaneamente diante da construção da realidade através de uma pluralidade de esferas comunicacionais.

1. 3 - O jornal como fonte de histórias que criam a História

Todos os dias diversos fatos ocorrem nos mais variados setores de uma sociedade. Qual desses fatos poderá transformar-se em notícia e dessa forma integrar a pauta⁴ do jornal? O critério de seleção dos fatos a serem divulgados, segundo jornalistas e leitores, é o da importância. O que é importante para um é importante para o outro porque o processo de comunicação não se dá num sentido único. A notícia é importante quando é importante para um grande número de pessoas. O jornal publica o que ele tem certeza que será lido. Os

⁴Relação de fatos a serem apurados para sua publicação no jornal.

acontecimentos selecionados têm relação com a experiência individual do leitor ou de seu grupo. A noção de interesse é crucial para o produtor da notícia. Há também o relato do inusitado, do novo, do excêntrico ou do muito distante. Mas é importante observar que o ponto de partida da seleção é o contexto do jornal e do seu leitor.

A notícia é o produto jornalístico mais importante e é estabelecadora da natureza mercantil do jornal. Sua validade depende dos seguintes fatores: ter sido apurada recentemente, ser publicada imediatamente e ser rapidamente distribuída. A notícia, como modo de registrar o fato, tem uma retórica própria para cada tipo de fato e para cada empresa jornalística que a produz.

Ao jornalista, pesquisador e editor da notícia, é dado um crédito sobre a veracidade do fato por ele relatado. Estabelece-se um pressuposto de que a notícia não é fruto da imaginação dele. Admite-se, porém, que sua subjetividade estará minimamente presente.

Existem, pela forma de produção e de apresentação do noticiário, diversos tipos de jornais, mas neste trabalho serão utilizados apenas os jornais de referência e os populares. Nos jornais de referência, costuma-se dizer que os jornalistas escrevem, utilizando a atualidade como pretexto, para si mesmos ou para leitores que se nivelam intelectualmente com eles embora pertencendo a outras categorias profissionais. A geografia dos assuntos é extensa porque grande é o mundo conhecido por ambos, daí a necessidade de dar conta de acontecidos longínquos, de preferência de lugares mais desenvolvidos e importantes. Também é grande a diversidade dos campos de conhecimento relacionados ao que é publicado. A atualidade de alguns assuntos surge com as inovações em seus campos e na falta destas, o jornal lança mão de efemérides que trazem de volta ao presente algum fato de destaque do passado. Frequentemente esses assuntos são veiculados através de artigos assinados por especialistas que legitimam a informação.

Nos jornais populares os assuntos são estreitamente relacionados ao cotidiano de seus leitores. As notícias são, em sua maioria, locais. Os acontecimentos internacionais se apresentam personalizados, ou seja, como conflito entre pessoas. A forma enunciativa no jornal popular torna presente o jornalista que leva o leitor através do relato, como um adulto

leva uma criança pela mão. A abordagem simplista dos jornais populares faz com que suas edições sejam rapidamente descartáveis enquanto os jornais de referência, não apenas pela qualidade de seus textos, mas pelo conteúdo de seus discursos, são preservados como documentos. Mas tanto os jornais de referência quanto os jornais populares são importantes instrumentos de pesquisa social por sua contextualidade. Ambos podem ser utilizados como provedores de dados para a pesquisa, análise e produção de conhecimento sobre a realidade social.

O jornal é um bom referencial para se conhecer uma cidade. Nele estão expostos os gostos, os interesses, o grau cultural, a ideologia predominante, a história cotidiana, a tradição de um grupo. O relato de acontecimentos, as seções especializadas, a coluna social, os anúncios de morte e sociais, os classificados, a publicidade, a forma de enunciação e ilustração das notícias produzidas pelo jornal espelham ele próprio e a sociedade que lhe atribui essas tarefas. No jornal está registrada o cotidiano que faz a história coletiva. As notícias publicadas em suas páginas são histórias que criam a História. Mas nem todos os fatos ocorridos em uma sociedade são históricos. O que transforma um fato em acontecimento é ser conhecido, e sua divulgação e registro, principalmente escrito, lhe atribui credibilidade, o que é um passaporte para a história.

Com o advento da História Nova, a historiografia mudou o conceito de documento e direcionou seu interesse para o registro do cotidiano de pessoas comuns sem se prender exclusivamente à história dos dominantes, dos poderosos. O jornal, dentro desse novo enfoque da história, atinge naturalmente o status de documento e o de relator da história cotidiana da sociedade atual. Mas há uma parcela de membros da Academia que tenta invalidar a utilização do jornal como fonte de informação para a pesquisa científica por não ser ele um discurso de primeira mão ou por partir da sociedade civil e não do Estado, atribuindo-lhe um caráter de não oficialidade ou ainda atestando sua incompetência pela sua não cientificidade.

1.4 - O jornal como formador de opinião e poder

O jornal se apresenta como um discurso com limitação de tempo e espaço e traz consigo o conceito de história. Trata-se de um discurso de natureza social e, conseqüentemente, ideológico. Antes da explicação sobre o teor ideológico do discurso jornalístico deve-se expor o conceito de ideologia que se apresenta sob diversas formas mas sempre relacionado ao poder. Segundo Sodré,⁵ ideologia traduz-se em mecanismos de domínio sobre o sentido.

A formação ideológica é a visão de mundo de uma classe social e é traduzida por um conjunto de representações e, como a etimologia indica, está ligada às idéias. As idéias estão vinculadas à linguagem, o que leva à conclusão de que os discursos possuem formação ideológica na medida em que carregam em si representações de classes, não necessariamente explicitadas, em conflito. A palavra é um signo ideológico por registrar as variações das relações sociais.

O jornal constrói a realidade de forma discursiva utilizando estratégias que resultam na formação da opinião pública como, por exemplo, ao selecionar o que deve ser publicado ou não, ou seja, ao julgar o que é considerado importante. Pela função de formador de opinião pública, o jornal transforma-se em formador de hegemonia. Ele atua "na formação do consenso em torno da ordem tecnoburocrática dominante", segundo Sodré.⁶

As instituições da sociedade política, detentoras do poder (Governo propriamente dito, Justiça, etc.) vergam-se diante da imprensa. Elas temem não apenas a divulgação de alguma informação que possa alterar sua imagem perante a opinião pública mas principalmente a capacidade que a imprensa tem de expor, diariamente, para um grande número de pessoas, realidade antes acessíveis a grupos especiais e pouco numerosos.

Os avanços tecnológicos facilitam o trabalho jornalístico e, ampliando o espectro de sua atuação, aumentam seu poder. Esse poder desdobra-se e passa a atuar na obtenção de

⁵SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida*. Por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Codecri, 1988. p. 54.

⁶SODRÉ, Muniz. *O social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia*. São Paulo: Cortez, 1992. p. 44.

determinadas informações. O jornal visa suprir necessidades informacionais de ordem social e individual e o faz não apenas através do relato dos acontecimentos diários mas também através do jornalismo de serviço (avisos, horários, anúncios sobre diversos tipos de atividades culturais, educacionais, cívicas, de lazer, etc) e do jornalismo cultural (divulgação das artes mesmo que, às vezes, de forma banalizada através de reportagens, artigos ou críticas especializadas). Desta forma o jornal passa a ser um elemento de ligação estratégica entre Poder e Saber passando a estabelecer normas de conduta pessoal e hábitos dentro de modelos culturais difundidos através de seu discurso que é eminentemente social. O jornal controla a sociabilização através de seu discurso que divulga normas e valores implícitos e explícitos na sociedade. As leis estabelecidas pelas instituições, consideradas instrumentos de regulação social, são expostas, cobradas, discutidas ou criticadas pelo jornal. Ele atua, de maneira implícita, na regulação social ao evidenciar de forma positiva ou negativa determinados tipos de comportamento (etiqueta social), ao enfatizar valores estabelecidos por questões religiosas, políticas, profissionais, esportivas, etc. (convenções) ou ao exercer juízo de valores com relação aos acontecimentos (condenações e aprovações simbólicas). O jornal também cria ou reforça estereótipos de uma sociedade.

O capitalismo que busca obsessivamente a eficácia em suas operações de produção, visando o acúmulo de capital em detrimento dos fins políticos, humanos e sociais, busca informações como base de gestão e produção de bens. O planejamento estratégico é fundamental para a preparação de novos cenários econômicos da sociedade, e o jornal é o principal fornecedor dessas informações. A função de controle social atribuída ao jornal, ao jornal é utilizada pelos organismos do controle econômico para sondagem do mercado.

É inegável que existe manipulação da informação, embora não de forma total, por parte dos jornais. Primeiramente por eles serem produzidos por empresas particulares que, como tal, possuem ligações, principalmente econômicas, com outros elementos da sociedade relacionados com o poder (político e econômico). Possuem também uma dependência econômica em relação a seus anunciantes que podem influenciar a forma de noticiar fatos.

É um paradoxo o jornal ser gestor da coisa pública enquanto representante de interesses privados, estabelecendo uma dissimetria ética. É bom lembrar que o discurso

jurídico, regulador de uma sociedade e tido como íntegro, é de tal forma manipulado que é passível de interpretações das mais diversas e é produto de fortes pressões de setores dominantes da sociedade. Em suma, o discurso como forma de poder é utilizado por diversos grupos com diferentes intenções em variados momentos.

O jornal tem exercido cada vez mais o papel de vigilante do poder constituído, papel esse cobrado pelos próprios vigiados. Na medida em que uma sociedade se articula de uma forma organizada, principalmente política, mais ela exercerá o seu próprio controle incluindo aqui o cidadão comum e o próprio jornal como partes integrantes do meio social. O controle, assim, não será exercido apenas pelo jornal que, no entanto, permanecerá no comando do processo simbólico ao apresentar os acontecimentos e determinar a forma de interpretá-los, desta feita, não tão contundente. O jornal nunca será um simples canal neutro aberto às mensagens, mas uma técnica de tratamento da informação.

1.5 - O jornal como fonte de pesquisa e produtor de conhecimento

O uso do jornal como fonte informacional para a produção de conhecimento relaciona-se às alterações que as ciências sociais fizeram em seus métodos de pesquisa nos últimos tempos. Foi levado em consideração o fato de uma sociedade ser o produto de diversos acontecimentos, signos e significados que acabam por formar sua cultura, seu caráter, sua história. O objeto do conhecimento passa a ser construído, não se restringindo somente a uma fonte informacional. Esta deve ser assimilada dentro de um quadro teórico e sob uma estratégia de pesquisa estabelecida pelo pesquisador de acordo com a natureza do conhecimento a ser produzido. As fontes de pesquisa para as ciências sociais podem ser as acima citadas e muitas outras como: dados extraídos de questionários, relatórios, cartas, biografias, diversas formas literárias, todas legitimadas também pela Ciência da Informação. O que importa é como o pesquisador as utiliza e em que contexto.

Portanto nenhum tipo de documento é em si uma fonte única de pesquisa. A validade ou adequação de um resultado de pesquisa não reside nas fontes mas no conjunto de suas estratégias e na sua argumentação. O conceito de documento é ampliado e o conceito de informação, por sua vez, também se expande.

O discurso do especialista é um discurso com credibilidade pelo grau de conhecimento de seu emissor e por sua posição de destaque na hierarquia social. Contrapondo-se ao senso comum, o discurso científico toma a forma de discurso competente.

A existência do discurso competente pressupõe a existência de um discurso incompetente que sintetiza a ignorância e o desprestígio social. Para amenizar essa suposição permite-se ao leigo, ao não especialista, a ilusão de participar do saber. São apresentados pelo jornal diversos discursos permitindo aos indivíduos o acesso a algumas informações que lhes tornarão competentes para viver.

O discurso jornalístico difere do discurso científico por não partir de hipóteses, por não formular conceitos e muito menos teorias; mas ambos têm o mesmo ponto de partida, ou seja, a mesma realidade. As diferenças entre esses discursos estão nos métodos e ângulos de observação e principalmente nos objetivos e na linguagem utilizada na descrição do que foi observado e analisado.

A ciência é uma modalidade de conhecimento que organiza, estoca e distribui certas informações e tem sua institucionalização principalmente na Universidade. Aí a produção e uso do conhecimento se concretizam de forma objetiva e metodológica, através do ensino e da pesquisa. A pesquisa social, desenvolvida na Universidade, é histórica e contextualizada porque os homens vivem em sociedade e orientam-se com base no espaço e no tempo. O jornal pode ser fonte para a pesquisa social por retratar a realidade e ser parte integrante dela. Pode ainda promover a integração entre Sociedade e Universidade ao trazer em seu interior discursos de diversos segmentos sociais e agendar a pesquisa social.

Em um país como o Brasil, onde as lacunas informacionais são tantas, o pesquisador não deve abrir mão de nenhuma fonte que possa lhe conduzir a alguma informação útil. O valor do jornal como fonte se relaciona com o conhecimento que dele tem o pesquisador e o documentalista/bibliotecário. Segundo a matéria *O papel é página virada* publicada na Revista de Domingo, os jornais microfilmados atraem pesquisadores à Biblioteca Nacional. Registra ainda que o Setor de microfilmagem “colaborou” para a execução de inúmeras dissertações e teses.

A Prof^a Maria José Moreira, da Escola de Biblioteconomia da UniRio elaborou o documento *O jornal como instrumento acadêmico de informação e criatividade na área de Biblioteconomia*. Nele, ela aponta com que objetivos a divulgação do jornal entre o alunado é feita: incentivar o gosto pela leitura; desenvolver a criatividade; estimular a pesquisa; criar trabalhos inéditos; recriar a apresentação da informação; ampliar o campo de pesquisa na busca de temas monográficos; aplicar a teoria na organização da informação em relação a sumários, índices, referências bibliográficas, alfabetação, remissivas, etc. Para o corpo docente ela afirma que a leitura diária de jornais é realizada com os seguintes objetivos: organizar material didático com as matérias publicadas no jornal sobre lançamento de obras de referência, sob a forma de livro, disquete, vídeo ou CD; tomar conhecimento das novas conquistas na área da informação e comunicação; levar ao alunado, quando publicadas, notícias acadêmicas relevantes; discutir assuntos de interesse coletivo. Com a aplicação desses objetivos a Prof^a Maria José, conseguiu de seus alunos, como monografias de fim de curso e foram geradas publicações como, por exemplo, índices e dicionários.

Assim como a Biblioteconomia utilizou os jornais em diferentes produtos informacionais, as demais áreas do conhecimento podem e devem utilizá-los não apenas nas dissertações e teses mas em todas as formas de produção de conhecimento que assim o exigirem. A criatividade, necessidade e utilidade podem ser empregadas neste empreendimento.

CONCLUSÃO

O uso do jornal é antecedido, na maioria das vezes, por uma análise que classifica a informação jornalística como um discurso social, como portadora de representações sociais, como narradora da história, como formadora de opinião e como fonte informacional alternativa, suprimindo lacunas, complementando ou alongando a informação oficial.

Um dos usos do jornal mais peculiares diz respeito à informação jornalística relacionada às classes sociais desprestigiadas pela sociedade e pelo registro oficial. Nota-se que há uma preocupação na informação oficial em não registrar o que é negativo. É comum,

na elaboração de um simples relatório de repartição pública e até na prestação de contas de um órgão superior, o relato apenas dos sucessos e dos lucros. Os fracassos e os desperdícios são "varridos para debaixo do tapete". A imprensa acaba sendo a responsável pela exposição desses resíduos informacionais negados pela informação oficial. As denúncias publicadas pelos jornais causam impacto, previsível ou não, e têm despertado a sociedade para alguns problemas e desencadeado movimentos que se tornaram históricos. Foi o caso das Diretas Já, do Impeachment do Collor, da Campanha contra a Fome e a Miséria. Este tipo de atuação informacional tem interessado aos pesquisadores.

A linguagem jornalística simples transforma o jornal numa fonte de pesquisa para qualquer tipo de pesquisador, ou seja, do estudante do primeiro grau ao cientista social. E isto contribui para que haja uma democratização (no sentido mais amplo e nobre da palavra) das informações e acaba por se refletir nas diversas áreas do conhecimento, para que seja empreendido um esforço na comunicação e a interdisciplinaridade, tão necessária, se estabeleça de fato.

É necessária uma reformulação epistemológica que leve a uma visão mais holística do conhecimento principalmente no que diz respeito às ciências humanas. A comunicação da informação, hoje, é urgente e necessária sob o ponto de vista social, político, ético, enfim humano. Somos todos "passageiros da nave Terra" e nossos problemas são comuns.

O jornal é uma importante fonte de informação porque tira, o pesquisador de seu isolamento científico e o insere num espectro informacional maior, mais abrangente, sobre várias partes da realidade vistas por diversos relatores e apresentadas simultaneamente. Isso também explica a abrangência de áreas de conhecimento que utilizam o jornal como fonte. A validade ou adequação de um conhecimento, principalmente nas ciências sociais, não depende da fonte, depende das estratégias de pesquisa, das formas de argumentação utilizadas. Assim este trabalho acabou se transformando em uma reflexão transdisciplinar ao abordar essa interligação entre os conhecimentos comunicacional jornalístico, documentário e o das ciências sociais ou humanas.

As lacunas informacionais existentes nos órgãos encarregados da informação dita oficial, portanto da memória nacional, são inúmeras. Os elementos informacionais especificamente fornecidos pelo jornal somados às lacunas da informação oficial levam os pesquisadores a procurá-lo como fonte alternativa de informação.

Na pesquisa, toda fonte de informação deve responder aos critérios de adequação e aos procedimentos de validação que correspondem a cada estratégia conceitual e metodológica escolhida pelo pesquisador. Por isso, toda fonte de informação está sujeita ao julgamento segundo critérios de credibilidade e dentro de um princípio de aceitação que muda em cada situação de uso dessa informação. O jornal, é verdade, torna-se um elemento perigoso à sociedade quando a serviço de ideais espúrios mas, é bom lembrar, ele não é o único a ser utilizado dessa maneira. É preciso, então, que outros elementos da sociedade apontem seus erros, denunciem suas manipulações para que sejam pelo menos minimizadas. A Universidade, detentora de tantos conhecimentos, é um dos elementos indicados para estabelecer esse diálogo construtivo. Por sua vez, o jornal deve desvendar mais os problemas da Universidade para que eles, conhecidos pela sociedade, possam ter a participação dela em suas soluções. O vínculo a ser estabelecido entre jornal, Universidade e sociedade trará grandes benefícios a todos e, com certeza, ajudará a transformar a sociedade.

A ausência dos jornais na biblioteca universitária se dá, em alguns casos, por uma visão ultrapassada sobre informação e documento. Mas a maioria das bibliotecas universitárias não possui jornais em seus acervos por falta de pessoal para tratamento técnico, por falta de espaço e de verbas para assinaturas. A dificuldade de processamento técnico está também ligada à necessidade de uma cultura razoável para identificação de uma enorme gama de assuntos.

Para atender ao pesquisador que utiliza a informação jornalística, seria recomendável que a biblioteca criasse um serviço de fornecimento de recortes de jornais sobre os assuntos solicitados, estabelecendo, a priori, os títulos de jornais a serem utilizados. Seria útil o estabelecimento de um convênio entre a biblioteca e as empresas jornalísticas no sentido de baratear o preço das consultas aos centros de documentação por pesquisadores universitários devidamente credenciados.

É possível a inserção deste trabalho na Ciência da Informação, que tem se dedicado aos problemas de processamento da informação entre seres humanos em contextos diversos, como afirmou Saracevic⁷. Ela pode ocupar-se do jornal não apenas como registro gráfico mas como transmissor de informações, de fácil acesso sobre a realidade, suprimindo lacunas do conhecimento.

ABSTRACT

This paper is part of a dissertation of Master Degree in Information Science yet defended. It has as a principal theme the use of informations published in newspapers as source of academic researches. The journalistic information fills a gap of information systems about many subjects. In some cases, this information is the only informatinal resource. It is useful to preserve the national, local, institutional and, perhaps, personal memory.

These information have to be appreciated, diffused and protected because it is an instrument of knowledge democratization, among other ways, by the scientific divulgation, using a simple language, being acessible, cheap and straighting the citizenship by insertion of people in the social context.

Therefore, the existence of clipping and/or newspapersarchives gain ground and demand to their administration prepared and smart professionals attuned to the social events.

KEY WORDS

Clipping and/or newspaper archive - Newspaper – Information - Library

⁷SARACEVIC, Tefko. *Information Science: origin, evolution and relations*. Pré-print, 1991. p. 5.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BARBOSA, Rui. *A imprensa e o dever da verdade*. 3 ed. atu. e rev. São Paulo: Com. Arte: EDUSP, 1990.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque, SILVA, Katia de Carvalho. *A informação e o cotidiano urbano*. A informação e a comunicação em comunidades urbanas diferenciadas na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IBICT-CNPq/ECO-UFRJ, 1991.
- _____. A questão da informação. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v.8, n.4, p.3-8, out./dez. 1994.
- BERGER, Peter I. *O dorsei sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BERMUDES, Sérgio. Notícia e realidade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1º Cad, 24 out. 1993.
- BIBLIOGRAFIA na imprensa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Cad. B, 23 ago. 1994.
- BOBBIO, Norberto. *O conceito de sociedade civil*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro, 1982.
- CHASTINET, Yone. *A criação do Programa Nacional de Bibliotecas Universitária - PROBIB e a implantação do I Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias-PNBU: 1986-1989*. Brasília: PROBIB, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia*. O discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 1982.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci*. Porto Alegre: LPM, 1981.
- DINES, Alberto. A imprensa e seus descontentes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1º Cad., 6 jun. 1995.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- FAUSTO NETO, Antonio. A deflagração do sentido. Estratégias de produção e de captura da recepção. *Textos de Comunicação e Cultura*, Salvador, n. 27, p. 58-80, 1991a.
- _____. *Mortes em derrapagem*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

FÁVERO, Maria de Lourdes de A. *Produção e apropriação do conhecimento na Universidade*. s.n.t.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

IMBERT, Gérard. *Les discours du journal a propos de "El Pais"*. Paris: Editions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1988.

LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. *História: novos problemas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

_____. *História e memória*. 2 ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Jornalismo fin-de siècle*. São Paulo: Scritta Editorial, 1993.

MELO, José Marques de. *Comunicação: direito à informação*. Campinas: Papyrus, 1986.

MOREIRA, Maria José. *O jornal como instrumento acadêmico de informação e criatividade na área de Biblioteconomia*. Rio de Janeiro: Uni-Rio, 1994.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. *História; novos problemas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. p. 179-193.

OJO-IGBINOBA, M. E. The role and management of newspapers in Nigerian University libraries. *International Library Review*, London, v. 23, n. 2, p. 83-90, 1991.

OKORO, Okechukwu. Collections development in Academic libraries: the case of Nigerian University libraries. *International Library Review*, London, v. 23, n. 2, p. 121-134, 1991.

O PAPEL é página virada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Domingo, 18 dez. 1994.

PEDREIRA, Fernando. A mídia (e a moda). *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1º Cad., 5 mar. 1995.

PENA, Maria Valéria Junho. Fontes pouco convencionais na sociologia brasileira – uma avaliação da produção recente. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 33, n.1, p. 147-174, 1990.

PEREZ, Dolores Rodriguez. *A Biblioteca Central e o Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ*. Rio de Janeiro, 1995.

RABAÇA, Carlos Alberto, BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

RIBEIRO, Adamastor Camará. Documentação, instrumento para democratizar o saber. *Revista do IFCS*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 39-46, jan/jun. 1981.

SARACEVIC, Tefko. *Information Science: origin, evolution and relations*. Pré-print, 1991.

SODRÉ, Muniz. *O social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia*. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. *A verdade seduzida. Por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Codecri, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

TARAPANOFF, Kira. Academic library structures: the case of Brazil. In: PARKER, J. Stephen. *Aspects of library development planning*. London: Mansell, 1983. p. 202-224.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. *Revista de Comunicação e Linguagem*, Lisboa, n. 8, p. 29-40, 1988.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Centro de Filosofia e Ciência Humanas. Biblioteca Central. *Catálogo de teses e dissertações em Filosofia e Ciências Humanas : base de dados dos investigadores da cultura - Theoroi*. Rio de Janeiro, 1993.